

A FILOSOFIA MORAL EM THEODOR ADORNO

*Giovane Rodrigues Jardim**

Resumo: Theodor W. Adorno é um importante filósofo da primeira geração dos interdisciplinares pensadores da Escola de Frankfurt, cuja contribuição é importante para diversas áreas do conhecimento. Enquanto teórico crítico da sociedade, Adorno tem uma significativa contribuição para a filosofia política, sobretudo, a partir da tentativa de compreender as causas que levaram a barbárie em pleno século XX. A presente pesquisa centra-se em questionar o significado deste empenho de filosofia prática e da ressonância de suas idéias fundamentais como perspectivas para filosofia moral. Assim, a partir da obra *Dialética Negativa*, procuramos delinear subsídios para argumentar que na obra tardia de Adorno encontramos uma importante contribuição para a filosofia moral. O empenho de Nietzsche lhe é caro no sentido de uma crítica externa à moralidade política em vista da constatação do rebaixamento do humano causado pela moralidade, entretanto Adorno afasta-se deste mestre da suspeita ao introduzir a dimensão do sofrimento humano na discussão sobre a moral, e assim aponta também para um movimento intrínseco de auto-realização da moralidade. Adorno rejeita o projeto de fundamentação positiva da moral, mas a partir da noção de um impulso de solidariedade não descarta a própria idéia de moralidade; é neste entre meio que procuramos caracterizar as perspectivas de sua filosofia moral negativa, e o significado desta auto-realização da moralidade a partir de um impulso que se impõe como limite ao domínio da racionalidade frente ao sofrimento do outro. Esta investigação levou-nos a constatar, ainda de forma propedêutica, que Adorno possui uma profícua perspectiva para a filosofia moral que está implícita em sua obra a partir da idéia de uma dialética negativa da moral. Esta dimensão revela-se significativa para a reflexão filosófica contemporânea e basilar para futuros estudos em vista de aprofundar o significado desta tentativa adorniana de introduzir um imperativo negativo na reflexão sobre a moral.

Palavras-chave: moralidade, liberdade, impulso de Solidariedade, dialética negativa,

Theodor Adorno é um importante filósofo político da interdisciplinar Escola de Frankfurt; a presente pesquisa centra-se em problematizar a

* Bacharel e Licenciado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas; mestrando em Ética e Filosofia Política do programa de pós-graduação em Filosofia do Instituto de Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas; pós-graduando da especialização em Mídias na Educação – EAD/UFPEL; professor da Escola Maria Pereira Teixeira da Prefeitura Municipal de Vila Nova do Sul. giovanerj@hotmail.com

possibilidade de uma contribuição adorniana para a reflexão em filosofia moral. Tendo presente que Adorno não é um pensador clássico da moral, e que não escreveu nenhuma obra específica sobre este tema, procuramos encontrar subsídios para argumentar que em sua filosofia há uma profícua contribuição para a reflexão moral contemporânea, e assim, situar sua perspectiva moral em consonância com as discussões da Teoria Crítica da Sociedade.

Centramo-nos, na tentativa de delinear a perspectiva moral adorniana, em um recorte metodológico, a partir do qual se dá maior atenção às obras *Mínima Moralia* e *Dialética Negativa*, sem, contudo, deixar de lado uma interlocução com a *Teoria Estética*. Adorno, nestas obras, trata da problemática moral como se seus leitores conhecessem claramente sua filosofia moral; esta questão que inicialmente pareceu-nos emblemática tornou-se reveladora do significado desta pesquisa, pois, segundo Artur Morão “juntamente com a *Dialética Negativa* e outra obra de filosofia moral, que nunca chegou a ser concretizada, a *Teoria Estética* comporia um tríptico central na produção de Adorno”. (ADORNO, 1970. p.9) Delinear a perspectiva de filosofia moral na obra adorniana significa, em uma primeira análise, perguntar por algo que o próprio Adorno pensava ser necessário e ainda não bem elaborado em sua obra. A morte repentina de Adorno não o permitiu concretizar este objetivo, assim como não lhe deu tempo para terminar a *Teoria Estética*. Nesse sentido, nossa tarefa inicial é uma espécie de “arqueologia” na obra adorniana, e especificamente no recorte metodológico adotado, com a finalidade de delinear sua perspectiva para a filosofia moral.

Adorno é um crítico da moral; nas diversas passagens que encontramos a temática da moral, ele centra-se na crítica da moralidade e aponta para as consequências que esta “lei da moralidade” está causando nos seres humanos. Neste sentido, para Christoph Menke em *Genealogy and Critique*:

Two Forms of Ethical Questioning of Morality, esta postura de Adorno é de uma crítica externa à moralidade que reconhece o empenho de Nietzsche, ou seja, “há um interesse comum que conecta a genealogia de Nietzsche a crítica de Adorno, e os separa de Habermas” (2006). Entretanto, mesmo Adorno permanecendo ao lado de Nietzsche quanto ao questionamento da moralidade, e não com Habermas na busca de uma fundamentação, ele chegará a conclusões diferentes. Adorno aponta para um segundo aspecto da crítica à moral, ou seja, um movimento interno, a possibilidade de uma auto-realização da moral que transcende a lei da moralidade por um impulso que não permite um domínio total da racionalidade.

Adorno relaciona a temática da moral com a arte, e a associa a uma “sociedade mais digna de homens”, e assim ao tratar da relação entre ciência e arte, ele diz que o mesmo se aplica a moral, ou seja, “o fato da arte não aceitar a plena elaboração constitui a participação da arte na moral e a associa a uma sociedade digna de homens”. (ADORNO, 1970. p. 206) Ao lado desta problemática está a recusa de Adorno frente à dicotomia entre política e moral, e de acordo com o empenho da Escola de Frankfurt, ele situa a discussão moral em torno, de um lado, da crítica a “sociedade estabelecida”, e de outro, na “crítica a autonomia indivíduo”, e assim, conseqüentemente, do problema da liberdade e da repressão.

Este problema da liberdade e sua submissão à repressão, assim como a questão da vontade, são problematizados por Adorno no modelo de uma dialética da liberdade intitulada *Para a metacrítica da razão prática*; ao lado do problema da liberdade formulada de forma abstrata, positivamente, que para Adorno transforma-se em não-liberdade, está em pauta o condicionamento desta liberdade a uma “realidade estabelecida”. Este condicionamento significa a submissão da moralidade à “lei da moralidade”, da liberdade à coerção, sintetizada na falácia da auto-preservação e no continuum progresso que por

sua vez tornou-se a afirmação da não-liberdade. Assim, a autocrítica da burguesia obrigou-lhes a universalizar o conceito de liberdade, entretanto, afirmado positivamente não passou de uma abstração, e tornou-se um interesse antagônico, pois, “ele se opõe à antiga repressão e favorece a nova, que se esconde no próprio princípio racional” (ADORNO, 2009. p.181).

Esta problemática da ligação entre moral e repressão é destacada por Gerhard Schweppenhäuser, em *A filosofia moral negativa de Theodor Adorno*, segundo o qual também na *Mínima Moralia* Adorno chamou a atenção para este fato. Nesta perspectiva, destaca que Adorno mesmo afirmando “que desde a antiguidade as normas e os princípios morais são duplicações teóricas da dominação social”, não renuncia “a uma pretensão de validade crítico-normativo que é refletida de modo filosófico-moral”. (SCHWEPPENHÄUSER, 2003. p.394) Assim, e no sentido que este comentador apresenta-nos, Adorno possui uma perspectiva moral dialética negativa, uma moral que aponta para o que não deve ser; quando de pouca coisa se tem certeza, afirma Adorno, uma certeza sobrevém: isso não pode acontecer! Adorno referia-se historicamente ao Nazismo, evento catastrófico na história da humanidade que ele costuma chamar de “barbárie”, ou seja, uma situação de rebaixamento do humano. A concepção de um imperativo negativo na moral, de uma moral negativa, necessita ser aprofundada em posteriores elaborações, contudo, situa-nos na relação do pensamento moral de Adorno com os acontecimentos de sua época, na busca de superar a distancia entre os aspectos da moral e da existência, ao mesmo tempo em que, a dicotomia entre moral e política.

Jeanne Marie Gagnebin, em *Uma filosofia moral negativa (?)*, relaciona esta crítica da ligação entre liberdade e repressão em Adorno à sua matriz freudiana; Herbert Marcuse também recorre ao Freud de *Mal-estar na Civilização* – livro oitavo - para fundamentar a possibilidade de uma civilização não-

repressiva na obra *Eros e Civilização*. Neste sentido, a sociedade que é fundada na repressão do princípio de prazer deve com o seu estabelecimento compensar o indivíduo, entretanto, na história da humanidade isso não aconteceu; Marcuse chama este logro da sociedade sobre o indivíduo de “mais-repressão”, e procura demonstrar como a falácia do continuum progresso tem justificado o “princípio de desempenho” estabelecido como “princípio de realidade”. Gagnebin (2008, p.152) conclui que há duas hipóteses significativas para a reflexão moral em Adorno: a primeira seria a importância a retomada da corporeidade e da passividade, e a segunda, da relação entre impulso moral e impulso mimético.

A crítica de Adorno focalizada na possibilidade da “consciência de si” se colocar sobre a “lei moral”, visualiza que, entretanto, esta “espontaneidade primeira” do “não-idêntico” está limitada enquanto moral social, ou seja, enquanto auto-ilusão, ao passo que a sociedade se apresenta como irresistível aos indivíduos. Assim, ao passo que a liberdade é concedida pela sociedade, ou diríamos, limitada à realidade estabelecida, a liberdade se torna um privilégio, e a submissão tornou-se a regra, a “lei da moral”. Este é o paradoxo da sociedade para Adorno, sociedade que funda-se prometendo realizar a liberdade, mas que fundou-se suprimindo a liberdade dos homens, e convencendo-os que, em vista da boa convivência, a não-liberdade levaria ao horror. Nesse sentido, a temática filosófica moral em Adorno liga-se a necessária autonomia e emancipação humana, ou seja, pré-supõe a superação da realidade estabelecida, pois, não “pode haver vida reta em uma totalidade falsa”. (ADORNO, 1951. §43) A emancipação humana está ligada a utopia enquanto projeto histórico, e necessita superar a “liberdade” concedida pela sociedade estabelecida, assim como a condenação da utopia como algo sem lugar.

Adorno não aceita a posição e o recurso a uma liberdade moral individual, e neste ponto, como em alguns outros, Marcuse está de acordo, pois, uma liberdade moral individual em uma sociedade que tudo controla é, no final das contas, um privilégio que garante o funcionamento desta sociedade a partir de uma liberdade limitada, pois, “o homem só pode atingir a verdadeira felicidade e perfeição juntamente com a dos outros”. (FRITZHAND, 1976, p. 187) Esta questão posta por Adorno, e compartilhada por Marcuse, caracteriza seu distanciamento da solução de Nietzsche ao problema da moralidade; esta rejeição de uma “vida reta em uma totalidade falsa” está de acordo com o que será retomado na *Dialética Negativa*, e ainda, com os seus demais aforismos da *Mínima Moralia* nos quais Adorno aborda aspectos centrais da discussão em torno da moral. Um exemplo disso encontra-se no aforismo *A verdade sobre Hedda Gabler* (§58), no qual Adorno alude que a sociedade burguesa separou o “princípio social” do “princípio moral”, e assim, a rebelião do belo contra o bom está na lógica da própria produção burguesa, como sua autocrítica, pois, “na imanência da sociedade está aprisionada a consciência da sua essência negativa, e apenas a negação abstracta está em vez da verdade”. (Adorno, 1951. §58)

O problema posto em questão situa-se tanto na separação do princípio social do princípio moral, como em um segundo movimento pelo qual se subordinará o moral ao social, e conseqüentemente, a liberdade à coerção. A liberdade formulada positivamente, assim como a formulação de um princípio moral positivo, se torna na perspectiva de Adorno apenas uma sublimação, ou seja, uma abstração que “em si mesma” é antagônica ao que se propõe, sendo contrária a sua própria realização. Neste sentido, Adorno na *Dialética Negativa* retoma esta questão e aponta para a necessidade de uma crítica negativa, que como tal, não signifique novamente uma abstração que confirma a totalidade, mas a negação que significa a “dissolução da compulsão

à identidade” (ADORNO, 2009. p.19). Surge, neste sentido, a possibilidade de visualizar propedeuticamente a crítica de Adorno à moralidade como algo individual (princípio moral separado do princípio social), e cujo limite é a “renúncia ao estado de dignidade humana”, e a “afirmação desta renúncia no princípio moral”.

Como já ressaltado, o empenho de Nietzsche de uma genealogia e crítica a moralidade política em vista do rebaixamento do humano que esta moralidade estava causando é caro a Adorno; ele é fortemente influenciado pelas sombras da fase inicial de Nietzsche, e neste sentido, temos na *Mínima Moralía* “do início ao fim uma tentativa de manter viva e fecunda a polaridade entre o apolíneo e o dionísíaco, entre o conceito e a imagem, entre o filósofo e o estético” (PUCCI, 2001. p.120). Entretanto, no que concerne a genealogia e crítica da moral, Adorno não rejeita a própria noção de “moralidade”, colocando-se em uma posição de distanciamento em relação ao mestre *da suspeita* que em outras temáticas tanto o cobre com suas sombras. Este distanciamento pode ser caracterizado pelo aforismo *Uma palavra a favor da moral* (§60), no qual Adorno inicia afirmando que “o amoralismo com que Nietzsche investiu contra a antiga falsidade também incorre no veredicto da História”; novamente reaparece o problema da ligação entre “repressão” e “moral”, e Adorno reafirma que “a moral dos escravos é, de facto, má: é ainda e sempre a moral dos senhores”. (ADORNO, 1951. §119)

Adorno na *Dialética Negativa* se prolonga ao tentar, num interlúdio com Kant, situar o problema da “vontade livre” a partir da relação entre vontade e caráter, principalmente, procurando mostrar como esta “liberdade” não passa de algo socialmente engendrado. Trata-se do emblema da experiência, “da incapacidade de fazer experiências”, que já no aforismo *E vê lá como era mau* (§116), da *Mínima Moralía*, Adorno destaca o problema da experiência na antítese entre a entidade pública e a existência individual. Uma

dicotomia da consciência, uma vez que está posto o conflito entre auto-preservação de um lado, e humanidade de outro, em outras palavras, entre a lei moral e a moralidade. Assim, situa-se tanto a crítica ao progresso e à sociedade industrial que, por meio desta “falácia” justifica seus empreendimentos numa luta incessantes contra a natureza e contra os próprios homens, como da antítese entre público e individual que corresponde na separação entre moral e política, entre indivíduo e sociedade.

Adorno no aforismo *A inteligência é uma categoria moral* (§127) destaca o problema da separação entre sentimento e entendimento, e aponta para a necessidade de uma filosofia que busque a unidade entre ambos, ou seja, a unidade moral. Assim, a inteligência também, como a faculdade do juízo, se opõe ao dado, e pode possibilitar a partir de um pensar antitético superar a estupidez, esta que “continua a ser o produto do interesse não sublimado nem superado dos dominadores”, um “interesse que vai se fossilizando num esquema anônimo do curso da história”. (ADORNO, 1951. §127) Este aforismo se liga profundamente ao empenho da *Dialética Negativa*, e ajudamos a perceber propedeuticamente a centralidade da crítica moral no pensamento de Adorno.

Para Adorno a moralidade não é “homogênea”, mas possui o idêntico e o não-idêntico, situa-se numa dialética entre “o que é” e o que “pode vir a ser”. Alves Júnior, na obra *Dialética da Vertigem: Adorno e a Filosofia Moral*, afirma que Adorno aposta num movimento de auto-superação da moralidade. Em resumo: “para Adorno não há além-do-homem que aponte o caminho, por fora da sociedade, para uma transvaloração de todos os valores” (ALVES, 2005. p.177). Para Adorno não há possibilidade de uma realização individual no meio de uma sociedade cuja racionalidade de dominação abrange a tudo, assim, o que seria este por “fora da sociedade” acaba por ser apenas um produto desta sociedade e de sua racionalidade tecnológica, de sua cultura

afirmativa que “expropria o indivíduo, ao conceder-lhe a sua felicidade”. (ADORNO, 1951. § 39)

A questão se põe: a moral adorniana seria uma moral nietzschiana? Apesar da convergência de abordagens, penso que não é o caso. Por quê? Fundamentalmente, por uma única razão, que se poderia sumarizar no famoso dito de Adorno, segundo o qual “não há vida correta na falsa” (MM,33). Isto é, Adorno separa-se da avaliação nietzschiana do valor na experiência moral no momento em que recusa a projetar como fez Nietzsche, a figura de uma supressão da moral que seria sua superação numa figura mais elevada. (ALVES, 2005. p.176-177)

Adorno coloca o sujeito no centro de seu questionamento, concebe “como Kant, que a moral não é repressiva”, pois, “é o indivíduo que impõe a moral a si mesmo”. Assim, deduz a moral da autonomia, e distingue a possibilidade de uma moralidade não repressiva, rejeitando colocar em oposição à liberdade moral da liberdade individual, pois, Adorno acompanhando a crítica externa a moralidade também aponta para uma crítica interna de auto-realização da moralidade, ou seja, um movimento de realização da moralidade que significa a transcendência da lei moral.

Em outras palavras, Adorno aponta-nos para a crítica dialética negativa da moral, para um duplo movimento da moralidade, de um lado afirmação da lei moral, e de outro, sua realização a partir da superação desta lei moral. Esta transcendência se dá por um impulso interno à moral, que Adorno chama de “impulso de solidariedade com os que sofrem”, e que traz o não dito, o não identificado, traz a questão corpórea do sofrimento humano como limite da racionalidade que tudo tenta “totalizar”. Este “impulso com os que sofrem”, para Adorno, ao possibilitar a realização da moralidade não permite um domínio total da racionalidade. Assim, o “impulso de solidariedade é a base da moralidade que foi distorcida pela própria lei da moralidade”. Para

Adorno a crítica da moralidade que “significa a descoberta de uma oposição interna”, a partir um “impulso somático que contradiz o princípio abstrato da moralidade”. Neste sentido, “a superação da moralidade é, ao mesmo tempo, a realização da moralidade e a superação da moral de igualdade” (CHIARELLO, 2006. p.89), sendo a “transcendência da lei moral sua verdadeira realização”. (MENKE, 2006. p. 313) Nas palavras de Chiarello:

Esse momento corporal é designado por Adorno, em algumas passagens, como *Hinzuertende*, impulso que sobrevém, [...]. trata-se de uma componente somática irresistível, também ela idiossincrática, refratária a qualquer fundamentação ou justificação racional que se queira, e que nos sobrevém sempre que nos defrontamos com uma dor física insuportável. (CHIARELLO, 2006. p.89)

Em linhas gerais, a elaboração perspectiva de uma filosofia dialética negativa da moral que Adorno alude em diversas passagens tanto na *Mínima Moralia* como na *Dialética* Negativa, e que necessita ser compreendida a partir de uma interlocução com a *Teoria Estética*, é profícua contribuição para a reflexão moral contemporânea. A retomada da questão do sofrimento humano na questão a moral, a dissociação entre moral e repressão, a aposta em um movimento de transcendência da lei moral como algo intrínseco a própria moralidade, e o significado de um imperativo formulado negativamente, revelam a maturidade adorniana em procurar uma crítica moral que tem como objetivo, de um lado, a realização da moralidade, mas mantém-se fiel à recusa de um projeto de fundamentação positiva da moralidade.

Nesse sentido, Adorno permite-nos, segundo Schweppenhäuser, tanto “como harmonizar os interesses individuais e as aspirações por felicidade com normas objetivas, obrigatórias para o gênero humano”, como, “em pensar em tentativas de uma transformação que acolha autocriticamente o universalismo filosófico-moral”. (SCHWEPPENHÄUSER, 2003. p. 412) Esta investigação

levou-nos a constatar, ainda de forma propedêutica, que Adorno possui uma profícua perspectiva para a filosofia moral que está implícita em sua obra a partir da idéia de uma dialética negativa da moral. Esta dimensão revela-se significativa para a reflexão filosófica contemporânea e basilar para futuros estudos em vista de aprofundar o significado desta tentativa adorniana de introduzir um imperativo negativo na reflexão sobre a moral.

Referências bibliográficas:

- ADORNO, T. W. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. *Mínima Moralía*. Lisboa: Edições 70, 1951.
- _____. *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70, 1970.
- ALVES JÚNIOR, D. G. *Dialética da Vertigem: Adorno e a Filosofia Moral*. São Paulo: Escuta, 2005; Belo Horizonte: Fumec/FCH, 2005.
- CHIARELLO, M. *Natureza-Morta: Finitude e Negatividade em T.W. Adorno*. São Paulo: Edusp, 2006.
- DUARTE, R. “Adorno e Nietzsche: aproximações”. In: *Assim falou Nietzsche*. Rio de Janeiro: Sette Letras/UFOP, 1999.
- FRITZHAND, M. “O ideal do homem segundo Marx”. In: FROMM, E. (org.). *Humanismo Socialista*. Lisboa: Edições 70, 1976.
- GAGNEBIN, J. M. “Uma filosofia moral negativa?”. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 117, jun/2008, p.143-152.
- MARCUSE, H. *Eros e Civilização: Uma interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. 8ªed. Rio de Janeiro: LTC,1999.
- MENKE, C. “Genealogy and Critique: Two Forms of Ethical Questioning of Morality”. In: *The Cambridge Companion to Adorno*. Cambridge University Press, 2006.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

PICCI, B. “Um encontro de Adorno e Nietzsche nas *Mínima Moral*”. In: *Revista Impulso* nº28. p.115-125. UNIMEP, 2001.

SCHWEPPEHÄUSER, G. “Adorno’s Negative Moral Philosophy”. In: *The Cambridge Companion to Adorno*. Cambridge University Press, 2006.

_____. “A filosofia moral negativa de Theodor W. Adorno”. In: *Educ. Soc.*, Campinas, vol 24, n.83. p.391-415, agosto 2003.